



QUEM É QUE ME MANDOU
ALINHAR COM AS BALELAS
DOS CORRE-LEGIONÁRIOS
DAS MAIORIAS SILENCIOSAS
SE EU ATÉ NEM SEI
PORQUE É QUE
NÃO GOSTO DO
ENCARNADO!..

WOLD

A CIA está na berlinda, isto é uma grande verdade: zangam-se as comadres, desdobriam-se as verdades. Até aqui há uns meses atrás, quase ninguém sabia o que era a CIA. Talvez aparecesse esse nome num ou noutro romance policial, mas a verdade é que o F.B.I. era muito mais conhecido.

Agora todos sabem o que é a CIA. Ou pelo menos sabem que é uma espécie de serviço secreto que tem por ofício andar por esse mundo fora, a complicar a vida aos outros países, para permitir depois que os Estados Unidos possam ir lá dar uma ajuda.

Claro, uma ajuda... como eles a entendem.

E depois dum popularidade fulgurante durante todo o princípio deste ano, do Sr. Kissinger, que já era até caricaturado com umas asas brancas de anjo da paz, pelas suas constantes campanhas a "apaziguar" os desordeiros, agora já se diz à boca cheia que ele era um dos maíões da CIA que organizava e dirigia muitas senão todas as actividades da "prestimosa" organização em casas alheias...

Em Inglaterra começou a campanha eleitoral. Trabalhistas, Conservadores e Liberais começaram a arengar os seus argumentos. Os noticiários dizem que desta vez os ingleses não parecem estar tão flemmáticos como era costume. Puderam Ao verem tantas barbas de tantos vizinhos a arder, o melhor é não deixarem os espertos porem pé em ramo verde, enquanto é tempo...

Nesta questão do petróleo, parece que a Arábia Saudita é o único país cujos dirigentes perderam a cabeça com as miragens de lucros fabulosos e de poderio supremo que o "ouro negro" lhes assegura.

O ministro saudita do petróleo, o xeque Yamani declarou ao Paris-Match que os outros produtores árabes de petróleo andavam a pisar o risco, porque ao fim e ao cabo o mundo não ganhava p'ro petróleo.

Ele deve conhecer o velho rião: quem tudo quer, tudo perde...

E depois de se falar da CIA, começa a sair o corde-linho que a liga à I.T.T. coisa que parece que começou a fabricar telefones e acabou por fazer canhões.

Antigamente quem não tinha que fazer fazia colheiras. Agora faz armas, que é muito melhor negócio...



AH! AH!

GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Na China, o presidente Mao Tsé Tung decidiu que a mulher não é só para coser meias.

E para dar o exemplo, já distribuiu trabalho à sua legítima, a Sra. Chiang Ching, que até aqui era apenas membro do gabinete do Partido, coisa que toda a gente pensava ser apenas uma simples honraria.

Mas não senhor: a Sra. Chiang Ching já na semana passada deu instruções claras e definidas ao Grupo Cultural do Conselho de Estado, ácerca dum recepção qualquer.

E isto de dar ordens a um organismo governamental, indica que lhe foi confiada a necessária autoridade para o fazer. Ora chuchem agora no dedo, seus machistas!

O Xá da Pérsia, que se encontra de visita à Austrália, não foi lá muito bem recebido pelos australianos.

Ao que parece uma enormíssima demonstração contra os presos políticos no Irão, foi o acolhimento que o Xá e a imperatriz Farah tiveram quando iam a entrar numa soleníssima recepção.

Foi o que se pode chamar uma boa chazada...

Os espanhóis acharam que era preciso "filtrar" nas suas fronteiras os visitantes da França. E os franceses que desde há muito tempo entravam em Espanha só com a apresentação do Bilhete de Identidade, agora têm que apresentar passaporte.

Uma excepção: os passaportes só são exigidos aos que viajam em carros de turismo. Porque os camionistas podem entrar à vontade: precauções, precauções, negócios à parte, e mercadorias a entrar fazem sempre jeito...

LEBRE E PATARUGA

Como foi largamente noticiado, houve em tempos que já lá vão uma enorme polémica sobre atletismo, e na sequência da qual, a lebre, ao que parece, se vangloriou de ser a mais digna titular de todas as medalhas dos jogos olímpicos; na modalidade da corrida dos cinco mil metros, facto que foi muito contestado pela tartaruga que declarava alto e bom som que tudo isso era pura e simples propaganda do tipo da que é usada por Mohamed Ali ou como é mais conhecido, Classius Clay.

Porque a tartaruga declarou aos representantes dos órgãos da informação que a entrevistaram que isso de a lebre ser muito veloz era um mito, e que para o provar aceitaria a prova dum corrida — a tal prova dos cinco mil metros — que até poderia ser incluída em qualquer festival em que houvesse um Sporting-Benfica, com partida no estádio da Luz ou no de Alvalade, à escolha, porque ela não era de esquiuites.

Ora como também é do conhecimento público, a lebre aceitou o repto, e a corrida efectuou-se.

Dada a partida a lebre (também conhecida por Coelho G.T.) lançou-se no percurso, e daí a pouco já lá longe, enquanto que a tartaruga, pata aqui, pata acolá, iniciava calmamente o percurso.

Vocês conhecem o relato da prova: a lebre achou que era um disparate estafar-se daquela maneira e aí por volta dos quinhentos metros, decidiu deitar-se na relva e passar pelas brasas, até porque a prova não era para bater nenhum record, mas sim para bater a tartaruga.

A tartaruga que continuou calmamente o seu caminho.

Quando a lebre acordou e recomeçou a corrida, ficou muito espantada de encontrar já ao virar para a estrada de Benfica, a tartaruga a avançar — lentamente, é claro, porque ali ninguém anda depressa — e decidiu acelerar mesmo com riscos de ser apanhada pela brigada dos excessos de velocidade.

E lá foi. Claro que ao aproximar-se do Largo de Benfica, a lebre que toda a gente sabe não tem lá um grande intelecto, ficou um bocadinho atrapalhada com a tremenda confusão do trânsito, do sinaleiro, dos sinais de proibição disto e mais daquilo, e como havia muitos carros a passar, disse com os seus botões que a tartaruga também tinha que passar por ali, e o melhor era tornar a passar pelas brasas, até aquilo acalmar.

E assim fez.

A tartaruga, porém, que incidentalmente até morava para aqueles lados e conhecia todas as ruas, ruelas, travessas e travessinhas, além de várias "terras" que dão passagem de recurso, deu a volta, esgueirou-se entre os intermináveis automóveis e camiões e pata aqui pata acolá, conseguiu entrar no estádio, quando a lebre ainda estremunhada do seu segundo sono perguntava aos seus botões se nessa tarde se passava pela frente ou por detrás do viaduto em construção. Quis perguntar ao polícia, mas este não a percebeu e acabou por a multar por estar a interromper o trânsito. E como ela refilou e achou que aquilo era uma prepotência, ainda a levou para a esquadra para lhe levantar um auto por desobediência.

E foi assim que a tartaruga entrou triunfalmente no estádio, recebendo uma tremenda ovação que agradeceu muito emocionada, sem reparar que a ovação era destinada a premiar o terceiro golo do Benfica.

SRS. TELE-ESPECTADORES..

DIRECTAMENTE DO
PALÁCIO-HOTEL DE CAXIAS
VAMOS PASSAR IMEDIATAMENTE
À TRANSMISSÃO DO NOSSO
NOVO CONCURSO...

"QUEM TEM A MANIA
QUE É ESPERTO...
ENTALA-SE"!!



CRÔNICAS DA CONTRA RECONHECIMENTO

O ALCÁCER QUIBIR DE



Uma das características do salazarismo foi a manufatura de frases sonoras mas estultas, vazias de sentido, incoerentes, roçando as regiões cretínicas da demência pura. Durante muito tempo, disse-se que "beber vinho era dar de comer a um milhão de portugueses" e estas palavras, dimandas do Estado e revestidas da sua autoridade, foram a alegria das tabernas, a tragédia de muitos lares e uma quase oficialização seródia do culto a Baco. Outros países advogavam a "lei seca". Nós tínhamos a lei molhada... Os bêbados sentiam-se elevados pela primeira vez na história do mundo à categoria de filantropos, de algumas caritativas e se alguém recriminava as suas monumentais bebedeiras, logo respondiam, ofendidos no seu brio pessoal, no seu altruísmo, no respeito ao Chefe e nas suas honnatas intenções: — dou de comer a um milhão de portugueses e o senhor que não bebe, que não contribui para o progresso da Nação, tem o atrevimento de me repreender? — As pessoas sóbrias ocultavam-se envergonhadas, quase recosas de serem consideradas subver-

sivas por não colaborarem naquela forma original de almentar um milhão de portugueses. E os taberneiros pavonavam-se como se a sua chafarica fosse uma Fundação e cada garrafa contivesse o remédio para os males que afligiam o país.

Depois, quando a agricultura estrebuchava, Salazar lançou sobre os atônitos servos da gleba um discurso em que enaltecia a vida campestre, longe da cidade, vida sã, modesta, cheia de privações mas com os encantos da natureza à porta e do sete-estrela sobre o tecto. Persuasiivamente, no seu tom habitual de perfíida ternurenta, paternalista, pronunciou uma das suas frases de antologia que foi sem dúvida o golpe de misericórdia nas esperanças de todos e na nossa muito debilitada agricultura. Afirmou ele com todo o descoco: — a agricultura é uma vocação de pobreza. — Uma linda frase que, no entanto, não era de molde a entusiasmar ninguém e que mais parecia formulada para provocar desistências do que par reforçar vontades. Podemos mesmo supor a reacção dos seus ouvintes na Bei-

ra-Alta ou em Trás-os-Montes, ao escutarem através da Televisão essas fonestas e tenebrosas palavras: — ainda bem que nos avisam, ó chefe, que é para eu emigrar mais depressa. — E as aldeias foram deixadas à guarda das ratanzanas, os campos abandonados porque vocação de pobreza tem os franciscanos, nunca a tiveram os colaboradores do Doutor Salazar e não a queremos fer os lavradores...

Marcelo Caetano herdou a pecha do ditador para profirir dislates com uma expressão de achado genial ou inteligência profunda. Não satisfeito com todas as sandices tonitroantes do seu último discurso à Assembleia Nacional e com as suas folhetinicas "conversas em família" que já quase resalvavam para a análise sociológica da "Simplememente Maria", continua no Brasil a cultivar a propensão salazarista para o desastre. Sua Excelência manifestou-se em desacordo com a independência concedida à Guiné-Bissau. Quanto a ele, a solução seria... "Uma derrota com honra"!

Que entenderá Marcelo por uma derrota com honra?

Uma derrota semelhante à de Hitler que, por coincidência, nos seus últimos dias em Berlim, tanto se preocupava com uma derrota honrosa? Ou uma derrota à maneira de Alcácer-Quibir com o quixotesco doutor Caetano de elmo, óculos e armadura, montado num fogoso e endiabrado alarão, a dizer para as câmaras de Televisão, em "close-up": — Morrer, sim, mas devagar!

A deformação ideológica e moral dos indivíduos conduz naturalmente à deturpação do significado dos valores e assim é que um ladrão protesta a sua honestidade porque spo furta de dia ou porque só aligeira os bolsos aos mais ricos e urga mulher da vida entende que "é tão séria como as mais sérias porque paga pontualmente o aluguer do quarto"... No caso de Marcelo, o seu conceito de derrota com honra deixa-nos abismados e uma vez mais esclarecidos

acerca da espécie de gente e de pensamento político que Salazar criou.

Acaso poderia haver derrota com honra num território onde oprimámos povos que se queriam libertar? Para Marcelo, honra é sinónimo de opressão, mantida à custa de vidas.

A sua dementada derrota com honra levaria o nosso País ao desprestígio completo, colocar-nos-ia no rosto o laibeu de opressores denodados, arruinaria as finanças, ceifaria inutilmente milhares de vidas.

Não, Marcelo Caetano. O Sr. rabuja porque lhe tirámos o prazer do Alcácer-Quibir que nos preparava. Nós não queremos outro Alcácer-Quibir nem acreditamos na actualidade das suas leituras arcaicas do Amadé de Gaula. Dom Sebastião tinha a desculpa da sua juventude inconsciente e exaltada. O senhor tem idade para mostrar mais juízo.

POR EZEQUIAZ

PU-PU
PUPUPUUUU



A MAIORIA MALCHEIROSA

D. BRIOLANJA

- Aii

AIA

- Aii

ALDEGUNDES

- Aii

FÍSICO

- Senhoras minhas, que Deus vos salve! Mandasteis-me chamar?

D. BRIOLANJA

- Ah, sois vós, respeitável físico? Ainda bem que chegades! Em grande aflição nos vindes encontrar. . .

FÍSICO

- Pois dizeide, dizeide, senhoras! Com meu engenho tratarei de remediar os vossos males. Que maleitas tendes?

D. BRIOLANJA

- Nós? Nenhumas, senhor físico. Quem sofre é o meu nobre e dedicado aia. . .

FÍSICO

- Pois já alguma alegria me dades, bondosa senhora! Pelos vossos semblantes lacrimosos cuidei que estariam todas vós presas de má maleita. . . e se é só o vosso nobre esposo. . .

D. BRIOLANJA

- E achades pouco? Não vos esqueçades que ele é o venerando chefe desta casa! Além de ser o meu respeitável consorte ele é o progenitor desta infeliz criança, e o senhor desta dedicada aia. . .

AIA

- Aiiii!

D. BRIOLANJA

- Não suspireis assim, Aia Brazuca, que me afligides! Suspiraide meio tom baixo como compete a uma serva submissa!

FÍSICO

- Mas dizeide-me, senhora minha: onde conservades vós o vosso esposo? Acaso repousará no seu tálamo?

D. BRIOLANJA

- Repousar? Ele? Nem penseisdes nisso, senhor físico! Descanso é coisa que meu esposo e senhor não tem desde que funestas novas recebeu do nosso antigo reino. . .

FÍSICO

- Ah, os seus males são de melancolia! Difícil é curar essas maleitas, senhora minha! Mas mesmo assim é mister que o veja e lhe fale. . .

D. BRIOLANJA

- Pouco tardará, mestre físico. Desde há dois dias que anda assim: meia hora cá fora, meia hora lá dentro. . . Aia! Ide ver se o senhor já saiu!

AIA

- Prestes vou, senhora minha! Deixai-me apenas tapar os narizes. . .

FÍSICO

- Pois quê? Haveisdes defumado a sua camara?

D. BRIOLANJA

- Não sejaides abstruso, mestre físico! Sabeide que desde há dois dias que nesta casa só a nossa fiel aia Brazuca se atreve a chegar perto das imediações da privada real?

FÍSICO

- Da privada real? Quereisdes dizer. . .?

D. BRIOLANJA

- Querer. . . não quero. Mas vós soisdes um físico devidamente encartado: não soisdes um desses pobres alveitares a quem chamam de ajudantes de físico, e teredes que saber. . .

FÍSICO

- Ah, nisso tendes razão, senhora minha! E não me faleisdes nesses infamantes ajudantes de alveitar que andam agora a levantar as pinhas e a querer ter iguais direitos aos da nossa nobre classe, para quem os nomes de todas as maleitas são mais conhecidos do que o peixe frito! Coisas desta desgraçada época que vivemos, senhora minha! Esses infelizes a quem nós os físicos diplomados permitimos que fizessem nos hospícios parte do nosso serviço, e que agora clamam para que lhes não chamem ajudantes, mas físicos mesmo!

D. BRIOLANJA

- Razão tendes, mestre físico! Tristes tempos estes são! Por causa deles sofre agora me nobre esposo. . .

cont. na pág. 10



ESTE MUNDO LOUCO EM QUE VIVEMOS



O presidente Idi Amin, do Uganda, acaba de receber uma valiosa ajuda do seu "colega" Nyerere, presidente da Tanzânia.

Ao que parece tudo começou, quando Idi Amin durante uma conversa amigável com um embaixador, lhe disse que muitas vezes tinha sonhos, e que, caso curioso, quase todos eles vinham depois a tornarem-se realidade.

Pois nada mais foi preciso para que, fiel à história de quem conta um conto acrescenta um ponto, o presidente da Tanzânia numa visita à Jamaica ter, numa conferência de Imprensa declarado que o seu amigo e colega Amin tinha sonhos e acreditava ter uma ligação telefônica directa com Deus, recebendo dele ordens por vezes muito interessantes.

O que vale é que Idi Amin não se zanga, e mostra que tem um apurado sentido de humor. Comentando a declaração de Nyerere, declarou que afinal ele estava a desempenhar uma espécie de papel de seu ministro dos Negócios Estrangeiros, pois declarações como aquela serviam perfeitamente como uma verdadeira campanha de publicidade.

E acrescentou: — Até aqui eram os ingleses que me davam publicidade no estrangeiro; agora é Nyerere...

Não é por acaso que os grandes argumentos cinematográficos nasceram na América. Ali ao menos há sempre "histórias" em perspectivas...

Agora começa a anunciar-se a possibilidade da candidatura do senador Kennedy à Presidência, nas próximas eleições. Mas como as pessoas se lembram que aqui há uns tempos atrás houve um certo acidente, quando ele teve um acidente de automóvel, e nele morreu a sua jovem secretária, e a tal respeito se levantaram as mais rocambolescas histórias, Kennedy declarou agora que no caso de se vir a

candidatar à Presidência ponderará a todas as perguntas que lhe queiram fazer a respeito desse tal incidente.

Pelo sim e pelo não, é melhor que tudo se esclareça quanto antes...

Kissinger, ao discursar perante o Congresso sobre as condições das futuras relações entre os Estados Unidos e Rússia, declarou que a América precisa de ser realista e não pedir demais. E acrescentou:

"devemos conhecer o que pode e o que não pode ser realizado na modificação das condições humanas a Leste; não podemos pedir à União Soviética que altere dum momento para o outro

cinco décadas de história soviética e séculos de história russa". Esperto, este rapaz!



IN CULTURA GERAL

As vezes até me custa a crer que ainda nenhum dos meus habituais e fiéis leitores e alunos não me escreveu carta nenhuma a pedir que lhes derrame nos sequeiros espiritos os meus vastissimos conhecimentos sobre essa coisa tão difundida que é o tabaco.

Difundida e mal paga, porque agora que ele subiu de preço, já toda a gente se lembrou de repente que a vida tinha subido bastante.

Mas subir é um estado natural das coisas, e só as lagartas andam constantemente de costas. Toda a restante bicharada tende a subir, e daí os velhos aforismos de meter-se como piolho por costura, de subir na vida, de pôr qualquer coisa (ou qualquer pessoa) nos cornos da lua (cuidado com a inversão das palavras, etc. etc.)

E desde pequeninos que nós sempre ouvimos dizer que salta a pulga na balança, e aprendemos a saltar ao eixo. Ora tudo isso revela a tendência da humanidade para subir, e não percebe porque razão é que os pobrezinhos dos preços das coisas não haviam também de subir.

Mas isso vinha a propósito do tabaco. O tabaco que é como se sabe (se calhar não sabiam...) uma planta solanácea. Lembram-se que já aqui falámos noutra? Os tomates! Não, palavra, não estou a praguejar! Estou a dizer que os tomates são também uma planta solanácea! Arre, que vocês além de burros ainda por cima são intriguistas!

Pois é. É uma planta solanácea que parece ter nascido pela primeira vez numa ilha chamada Tabago. E daí o nome que lhe deram.

E é uma planta de tantas aplicações que se fuma, se cheira e se masca. Sim senhor. Quando as suas grandes folhas acabam de secar e sofrem uma ligeira fermentação, tratam-se para o fim escolhido: ou picado miudinho, quase em pó, e aí está o rapé. Desfiado em fiozinhos mais pequeninos, dá para cigarros. E em rolos mais largos dá para mastigar, que aqui para nós deve ser uma grande porcaria.

Mas o que interessa hoje à economia de todo o mundo é o facto dessa planta, depois de desfiadinha e enroladinha em vinte rolinhos de papelinho branquinho e todos junti-

nhos num embrulhinho muito bonitinho custam agora para cima dum cinzeirinho.

E compreende-se: considerando o estado de debilidade financeira em que o antigo regime deixou cá a santa terrinha, quem tem que arrumar a

que passou para três e quinhentos. Muito bem.

Seria de esperar que na base da mais simples incultura, um maço de cigarros que antes custasse cinco e seiscentos passasse a custar sete e seiscentos. Puro engano! A

alunos. Porque o tabaco é fonte de todos os malefícios. E as companhias dos cigarros, aumentando assim os preços, estão na realidade a diminuir as possibilidades dos seus amigos apanharem alguma doença dessas que dizem que o tabaco faz.

Está além disso apenas a pôr em prática um dos mais velhos aforismos do povo português: o daquele que diz "levas 'pró tabaco".

Nesta dissertação socio-científica julgo desnecessário falar do tabajismo, das nicotinas e doutras chinesices que-jandas que vêm em qualquer almanaque de meia-tijela, e servem às velhotas para alhar com os múdus.

Um último conselho apenas: chupa que se apaga!



casas é quem cá mora: por isso e como quem não tem dinheiro não tem vícios, e como quem tem vícios é porque tem dinheiro, nada mais natural que os cigarrinhos tenham subido de preço, isto é, tenha subido aquela taxazinha que estava já separada dos preços dos cigarros. O tal I.C. que na maioria dos pacotinhos era de 15 tostões. E

verdade é que os senhores que fazem os cigarrinhos acharam que ou há moralidade ou comem todos, e por sua conta e sete e seiscentos é uma conta que não dá jeito nenhum, por isso esses cigarros passaram a custar oito e quinhentos.

Isto que pode parecer um abuso, tem muita razão de ser, meus ilustres amigos e

LISTA DE SUSPENSOS
 Com o mesmo preço
 2 camões de ouro
 2 camões de prata
 2 camões de bronze
 2 camões de cobre
 2 camões de ferro
 2 camões de zinco
 2 camões de chumbo
 2 camões de estanho
 2 camões de níquel
 2 camões de cobalto
 2 camões de manganês
 2 camões de cádmio
 2 camões de selênio
 2 camões de telúrio
 2 camões de bismuto
 2 camões de antimônio
 2 camões de arsénio
 2 camões de mercúrio
 2 camões de platina
 2 camões de ouro
 2 camões de prata
 2 camões de bronze
 2 camões de cobre
 2 camões de ferro
 2 camões de zinco
 2 camões de chumbo
 2 camões de estanho
 2 camões de níquel
 2 camões de cobalto
 2 camões de manganês
 2 camões de cádmio
 2 camões de selênio
 2 camões de telúrio
 2 camões de bismuto
 2 camões de antimônio
 2 camões de arsénio
 2 camões de mercúrio
 2 camões de platina



DESCARADAMENTE JULIETA

Um folhetim
por *BEBE GONCALVES*

3º Episódio

JULIETA ATACA OU UM CORDEIRO PIOR QUE LOBO.

Expulsa de casa da sua instável benfeitora, a quase andrajosa Julieta avançou à toa nas ruas do Cais do Sodré. Era tudo tão diferente da sua aldeia! Ali, à meia-noite, havia uma quantidade de gente que passava, que parava às esquinas e algumas mulheres que deviam sofrer de paranoia deambulatória como a filha do lavrador a quem fanara o relógio de ouro. E todos tão simpáticos, considerava a rapariga. Ninguém se esquecia de lhe dar as boas-noites, os rapazes sorriam-lhe e esse ambiente de fraternidade encorajava-a. Afinal, a cidade não era tão má como a pintavam.

Demandou uma pensão com um grande anúncio de "á guas quentes e frias". A dona da balneária recebeu-a com um olhar desconfiado.

— Vens sózinha?

Esta pergunta causou um certo espanto a Julieta. Contou em breves palavras a sua história e a outra declarou-lhe:

— Vieste bater a boa porta. Aqui, o ambiente é muito familiar.

Introduziu-a nun pequeno quarto ao fundo do corredor e desapareceu para atender a nova chamada da campainha da porta. Desembaçada das roupas, Julieta deitou-se e o colchão de palha, muito mais fofo do que a sua antiga cama em A-da-Fome, deliciou-a. Agora, precisa de dormir para recuperar da viagem e de todas emoções. Mas como seria possível dormir? A campainha da porta tocava a cada instante, havia um vai-vem contínuo de passos no corredor, o abrir e fechar de portas não terminava. Talvez fossem fantasmas... De repente, comprimiu-se na cama, mais do que ajedrontada. Do quarto ao lado, partiam gritos dilacerantes, distinguia claramente a voz de uma mulher. Levantou-se, ao mesmo tempo que a dona da pensão uivava à porta do quarto vizinho:

— Silêncio! Isto aqui é uma casa de respeito!

— Sou uma desgraçada! — Berrava a mulher, no quarto — Antes me tivessem enganado no dia em que nasci!

— Foi pena que o não tivesses feito. Já não acordavas os meus hóspedes! — comentou desabridamente a dona da pensão que batia à porta para calá-la.

— Sou uma desgraçada! Sou uma desgraçada! — repetia a mulher.

Noutros quartos, os ocupantes começavam a soltar gargalhadas enquanto algumas vozes masculinas diziam alto e bom som, em tom de chacota:

— Sou uma desgraçada! Ai, sou uma desgraçada...

A atenção de Julieta foi desviada por novo acontecimento vocal. Dum outro canto da pensão, uma mulher bradava:

— Socorro! Socorro, que ele me mata! — Ouviu-se o ribombar de cadeiras caídas e o barulho de sonoras bofetadas.

— É sempre assim nas noites de Lua Cheia! — Dizia a proprietária. E incapaz de restabelecer a paz, repetia sem convicção o estribilho — silêncio! Isto aqui é uma casa de respeito!



A MAIORIA MALCHEIROSA

cont. da pág. 5

FÍSICO

— Na realidade... pensei contudo que...

AIA

— Sinhá, já tá!

D. BRIOLANJA

— Vinde, mestre físico! Meu nobre esposo regressou já ao tálamo. Translademo-nos ali, mas tapeide os narizes quando passardes pelo corredor onde fica a privada. Vinde!

FÍSICO

— Por minha fé, que razão tendes! Acaso teredes a privada entupida?

D. BRIOLANJA

— Por este caminho, prestes ficarás. Aqui tendes meu esposo e senhor!

EL-REI

— Aiiii!

FÍSICO

— Então, nobre senhor! Que maleitas vos aflégem?

EL-REI

— Todas, mestre físico, todas! Já não tenho nada!

D. BRIOLANJA

— Ainda me tendes a mim, meu estremecido esposo!

ALDEGUNDES

— E a mim, senhor meu pai!

AIA

— E mi têm a mi tamém, sinhô. Mas só si pagar minhas tenças todas!

EL-REI

— Aiii! Soides bondosas! Mas ao dizer que já não tenho nada queria dizer nas tripas! Maldita soltura!

FÍSICO

— Ah, compreendo finalmente! Estades de caçaneira!

EL-REI

— De esguicho, mestre físico, de esguicho!

FÍSICO

— Quiçá haverei comido frutas ou bebido água sem aqueles pingos de suco de lexívia que a moderna ciência vem aconselhando!

AIA

— Isso não, sinhô físico mestre! Nossas fruta vai sempre bem lavadinha no suco desse mézinhã! E patrão não bebe água não! Patrão bebi cachaça! P'ra mim, aquilo é da cachaça!

D. BRIOLANJA

— Verdade é, mestre físico. Meu nobre esposo não tem estado sujeito a tais maleitas. Já vos relatei que o seu mal é todo espiritual...

FÍSICO

— Espiritual? Senhora, acredito que saíades romântica como compete a uma senhora de nobre linhagem: e creio também que muito aiseis o vosso esposo. Mas chamar espiritual a uma diarreia, à fé de quem sou que nunca ouvira antes!

D. BRIOLANJA

— Não me compreendeides, mestre físico! A diarreia sobreveio a meu esposo após a chegada de tristes novas do nosso antigo reino...

FÍSICO

— Ah, sendo assim... contaide-me. Contaide-me tudo!

EL-REI

— Foi tudo tão repentino... as dúvidas, os anseios... as esperanças...

D. BRIOLANJA

— Não vos conseides, senhor meu esposo. Eu explicarei ao ilustre físico mestre, a origem dos vossos males...

AIA

— Acridita, sinhá, aquilo é da cachaça!

D. BRIOLANJA

— Calaide-vos, serva impudente! Sabeide senhor físico, que mesmo durante todos estes meses aqui no exílio, sempre tivemos a esperança dum regresso. Um regresso ao lar, ao nosso antigo reino! Onde eu visse o meu nobre esposo erguer-se com o seu nobre e sereno ar, sorrir para as multidões apenadas para nos saudar, e dizer-lhes como antigamente:

— Eu... e minha mulher Gertrudes Briolanja...

EL-REI

— Aiiii! Não me façades vir de novo a dor na tripa!

D. BRIOLANJA

— Asserenaide, senhor meu esposo. Mas como vos dizia, mestre físico, tudo íamos esperando. e mãos amigas e fiéis sempre nos foram dando novas de tudo que se passava no nosso antigo reino, trazendo-nos a esta terra de exílio o andamento das conjuras que por lá se iam planeando...

EL-REI

— E sabeide, mestre físico, que foi aqui no exílio que fiquei a saber o poder real tinha no nosso antigo reino tantos e tão dedicados servidores! Nunca tal me houvera passado pelo capace! Eram tantos e tão valiosos, que ainda há pouco acreditava que breve eu seria

COISAS do ARCO da VELHA

Ora cá estamos nós a descobrir mais coisas do arco da velha naquele célebre livrinho que era no século passado considerado o suprassumo de toda a ciência de então.

E nessa ciência toda uma das coisas mais importantes era a que definia o caracter e feito das pessoas, pela simples indicação do dia da semana em que tinham nascido.

E assim se o leitor (ou leitora) sabe ou tem uma pessoa de familia que saiba em que dia da semana é que nasceu, vai já ver de que massa é feito.

Se não sabe e ninguém lhe disser escreva para qualquer jornal desses que têm secções desse género e fica a saber. Depois... bom: depois é assim:

AVISOS ASTRONÓMICOS E CURIOSOS DOS SETE DIAS DA SEMANA

Os que nascem ao domingo, conforme o curso astronómico costumam ser formosos, ativos e seguros.

Os que nascem em segunda-feira, são inconstantes, preguiçosos e dorminhocos.

Os que nascem em terça-feira, costumam ser inclinados à religião.

Os que nascem à quarta-feira, costumam ser industriosos, engenhosos e inclinados em ir pelo mundo.

Os que nascem em quinta-feira costumam ser modestos, pacíficos e sossegados.

Os que nascem à sexta-feira, costumam ser terríveis de condição, e costumam viver largo tempo.

Os que nascem ao sábado, são fortes e principais.

Então, leitor: em que dia nasceu?

COMUNICADOS

DO CENTRO REIVINDICATIVO DOS GAJOS ESPERTOS (C.R.G.E.)

Este novel organismo civico vem pelo presente declarar as suas intenções politizantes destinadas a congregar à sua volta todos os gajos que se julguem mais espertos do que a massa anónima do povo, e destina-se principalmente a canalizar para o proveito próprio, precisamente essas mesmas massas — embora pequenas — do mesmo povo.

Assim convidam-se todos os interessados na criação e expansão deste partido, a juntarem-se num plenário (se não sabem o que é perguntem a quem souber, porque agora há muitos) onde o assunto será debatido. O presidente nomeado: Xico Esperto.

DESCARADAMENTE Julieta

cont. das centrais

A desordem durou um quarto de hora. Depois, como por milagre, a casa passou a um silêncio tumular. Julieta voltou a deitar-se. Bem necessitava de uma soneca reparadora! Estava quase a adormecer quando ouviu um ruído de passos aflitos no corredor, ao mesmo tempo que a dona da pensão batia à porta de cada quarto e avisava, sibilante:

— Fujam! Fugam! Vem aí a rusga!

A rapariga meia sonambula, vestiu-se num ápice e alcançou o corredor. Como ratazanas esbaforidas, os quartos golfavam homens e mulheres, um velho em cuecas reclamava a sua roupa e uma mulher embrulhada numa toalha punha-se em fuga...

De novo, Julieta viu-se na rua. Apesar de tudo, bastante satisfeita. Aproveitara a confusão para ir à gaveta da dona da pensão e se apoderar de uma mão cheia de notas...

Um rapaz, ao seu lado, resmungava:

— Quando a velha se "chateia", é esta cena: põe-se a dizer que vem a rusga e esvazia a pensão. Já lhe conheço a mania.

Quase sem dar por isso, começaram a caminhar juntos.

— Qual é a sua graça? — Perguntou ela.

— Chamo-me Estevão. E qual é a tua desgraça? — brincou ele.

— Felizmente, sou uma

moça honrada. Com quem julga que está a falar?

— Pronto, não te zangues. Pagas uma cerveja?

— Eu? Estás muito mal enganado. Na minha terra não é costume as mulheres pagarem bebidas aos homens.

— Isso é na tua terra mas aqui é o Cais do Sodré, um bairro evoluído. Só os "camônes" é que pagam bebidas às mulheres. Achas-me com cara de "camône"?

— Não percebo nada do que está para aí a dizer. Boa-noite.

Julieta afastou-se em passo estugado mas o rapaz seguiu-a:

— Desculpe, se te ofendi. Sou um pouco brincalhão. Mas a verdade é que podias pagar uma cerveja. A minha "chantra" está nas Mónicas, não tenho ninguém que me oriente.

— Está bem. Pago-te uma cerveja e depois, poes-te a andar.

Entraram num pequeno bar onde vários homens bebiam no balcão. O vestuário paupérrimo de Julieta chamou as atenções gerais e um dos presentes rousou:

— O mano desta deixou-a de tangá.

Entretanto, Estevão debatia-lhe a sua história. Era ele quem sustentava a mãe que sofria das "cruzes", quem amparava a avó, duas tias, o gato delas e três canários... Mas a vida não lhe corria bem, não tinha sorte: há dois anos que andava desempregado. Desde que a sua Maria fora para a "prisão", todas as mulheres "lhe davam com os pés" e comia ele e comiam os canários quando calhava. A mãe já vasculhava os caixotes do lixo como último recurso e a avó manducava tudo o que lhe via à mão, sendo necessário voltar e meia levarem-na de emergência para o banco do Hospital de São José.

— Mal nos apanha fora de casa, coitadinha, põe-se a roer as maçanetas das portas. Da última vez, comeu um tapete...

— Coitados dos canários — lamentou a boa Julieta.

Condoída do rapaz que lhe parecia um pacífico cordeiro, resolveu-se a pernoitar com ele noutra pensão. O ambiente era muito mais sossegado do que o do albergue anterior embora, no quarto ao lado,

um velho soluçasse e dissesse entre gemidos:

— Ai que as minhas filhas são umas grandes descaradas!... Ai, o meu relógio de ouro...! Ai, a minha vida!

Fatigadíssima, Julieta adormeceu. De madrugada, acordou num sobressalto mas tarde demais. Estevão desaparecera com o seu relógio de ouro, o seu cinzeiro de madreperla e o maço de notas! Jorraram lágrimas amargas

e abundantes dos olhos da rapariga. Em breve, os soluços encheram o quarto de uma tristeza lancinante.

— Ai, o meu dinheirinho, o meu relógio de ouro, o meu querido cinzeiro...

Do quarto vizinho, uma voz tentou consolá-la:

— Vamos, menina, não chore! Também a mim me roubaram o relógio e passei por uma grande vergonha no comboio. Se quiser, em

presto-lhe algum dinheiro...

Esta ideia horrorizou Julieta que já reconhecera a quem pertencera aquela voz...

Vestiu-se e abandonou a pensão. O seu primeiro dia em Lisboa, fora um autêntico pesadelo. Mas não estava disposta a renunciar aos seus propósitos de vencer na vida. E foi assim que começou a procurar emprego no Cais do Sodré.

Continua no próximo número.

A MAIORIA MALCHEIROSA

levado em triunfo de regresso ao meu reino!

Eram nobres na velha nobreza, e nobres de vermelha casaca de cavaleiros, garbosos e queridos das damas; eram os luminares das letras, desde o cavaleiro Arthur que era mestre a relatar torneios do jogo da pela, até a D. Carlos Enxada que pontificava no pasquim dos mercadores, para não falar nos pergaminhos dos monges que em todo o reino pregavam contra os infieis que me exilaram...

Eram os grandes mercadores, que mesmo odiados pela plebe, lá seguiam, champa aqui champa ali, atacando sempre, bruto este, agora, unido aquele acolá, a ganhar terreno muito terreno para a nossa causa...

FÍSICO

— Sim, eu ouvi falar nesse negócio de terrenos...

EL-REI

— Isso é outra conversa, que não é para aqui chamada! Afinal...

FÍSICO

— Mas então esses vossos dedicados servidores... eram assim tantos?

EL-REI

— Tantos? Eram a maioria! Conluviava com prudência, em silêncio...

FÍSICO

— Ah, era essa então a maioria silenciosa?

EL-REI

— Tal como o dizeis! Mas aí de mim! Parece que deram à dica antes de tempo...

FÍSICO

— Que aconteceu então?

EL-REI

— Tinham tudo pronto e preparado para o meu triunfal regresso. Haviam já cortado aqueles quadrinhos de papel de que costumavam deitar-me do alto dos varandins nas manifestações espontâneas que tantas vezes me fizeram! E eu até já tinha dito aqui à minha esposa D. Briolanja para me escovar e tirar as nódoas daquele meu fatinho de marujo que eu gostava tanto, para a viagem...

— E afinal... aiiii!

D. BRIOLANJA

ALDEGUNDES

— Aiiii!

AIA

— Aiiii! Me tinham dito que me levavam...

EL-REI

— Tinha, tinha, boa serva! Mas no fim, levados fomos nós!

FÍSICO

— A maioria... encolheu?

EL-REI

— Se encolheu! Foi tudo dentro! E quando me lembro de tantos e tantos nobres que me eram tão dedicados, e que me meteram na masmorra... e quando penso que por mais um bocadinho eu também podia lá estar... ai, ai, ai! Ai, a minha tripa! Deixem-me passar! Depressa!

D. BRIOLANJA

FÍSICO

— Vedes, vedes, mestre físico? Foi isto que resultou daquela maioria silenciosa...

FÍSICO

— Senhora minha, pelo que estou ouvindo da privada, e pelo resto...

AIA

— Mi digam si não tenho razão: aquilo é da cachaca!

FÍSICO

— Não, aquilo é mesmo maioria! Mas não é silenciosa! É maioria mal cheirosa! Seu rei está podre mesmo!

OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR SILVA NOBRE

PROPRIEDADE HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração Rua Conde de Redondo nº 12-2º — LISBOA Tel. 53 85 85—53 79 49 4 86 68—56 31 58

Composto e impresso na LISGRÁFICA, S.A.R.L.

Distribuído para todo o país por Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho — Lisboa

Crónica nortenha e o mais que à rede venha



QUALIDADE (MAS DEVAGAR)

Noticiei recentemente a Imprensa que esteve em Viana do Castelo um grupo de agentes de viagens inglesas, tendo por acompanhante e cicerone um elemento da Casa de Portugal em Londres, Fernando Canavero de seu nome; e que, durante uma recepção, este, brindando aos visitantes, lembrou que Viana "possui uma rede hoteleira digna de qualquer boa cidade e apta a efectuar um TURISMO DE QUALIDADE".

Fiquei o que se diz "passado"...

Então depois de as novas autoridades do sector terem vindo mostrar os malefícios económicos do tal "turismo de qualidade" (quando entendido, conforme era, praticamente como modalidade exclusiva) e os objectivos políticos que ele (mal) escondia, ainda aparece uma pessoa com responsabilidades oficiais a insistir na fórmula!

Com franqueza, senhor Canavero! Nem por estar, na altura, numa cidade litoral e portuária se pode explicar (e desculpar) que haja metido TANTA ÁGUA. . .

WELCOME (MAS POUCO)

Já sei que me vão acusar de vendido (ou, pelo menos, hipotecado) ao "esquerdismo internacional". Mas, mesmo com risco de ficar na "lista de espera" da C.I.A., não resisto a dar-vos conta de que, após aturados estudos, acabo de descobrir a razão por que a COCA-COLA se chama assim.

Trouxe-se de uma bem planeada campanha de publicidade e infiltração. Os agentes secretos e os grandes homens de negócios norte-americanos precisavam de uma cobertura prévia no estrangeiro, de um símbolo amável que tranquilizasse, de uma "imagem de marca" simpática e inofensiva, de uma "pausa que refrescasse" as suas vítimas no intervalo das agressões ideológicas e económicas que lhes eram dirigidas, de um gesto de "amizade" que a uns e outros permitisse e facilitasse COLAREM-SE primeiro e COCAREM depois. . .

O melhor seria, pensaram, "atacar" pelo estômago (sempre um "ponto fraco"...). E foi deste modo que nasceu e se espalhou por todo o mundo a celebre bebida nacional — só com o nome invertido em relação às intenções a fim de não darem muito nas vistas. . .

MAS DERAM.

MISTÉRIO (MAS SIMPLES)

Segundo a Reuter, a polícia londrina tem estado à procura de um monstro misterioso, que "parece um cavalo", "voa como uma águia" e "anda como uma avestruz" e foi, ultimamente, visto junto de

um lago situado nas cercanias do Aeroporto de Heathrow.

Modos de cavalgadura (ou congêneres), voos de águia (para os quais, a certa altura, realmente se julgou fadado), disfarce de avestruz (seguramente a fim de melhor esconder a cabeça e a "vergonha"), aparições perto de um lago (onde, decerto, dava de beber à dor de haver passado da "celebridade" ao anonimato) — meus amigos, para mim não restam dúvidas:

TEM DE SER O LEÃO DE RIO MAIOR. OU O DR. RAPAZOTE.

BARRETE (MAS FUNDO)

Vinha eu de electrico, calmamente (tão calmamente quanto é possível aos que viajam nesses históricos, porque velhíssimos, velucos que ainda avançam as ruas do Porto), quando dei fé de que, no banco da frente, dois cavalheiros folheavam um número desta revista e, mais do que isso, conversavam mesmo a respeito dela:

— Então tens lido "Os Ridículos"?

— Tenho. Está cada vez melhor.

— E já reparaste que até traz agora, desde há umas semanas, uma crónica sobre coisas na maior parte cá do Norte?

— Já, mas só é pena que o autor tenha muito mais graça a desenhar (ora vê!) do que a escrever. . .

Estive quase, quase a bater-lhes, delicadamente, no ombro, para explicar que ia ali o responsável pelas escritas e que era outra pessoa quem executava os "bonecos". Não cheguei, porém, a fazê-lo. A honestidade é uma virtude muito bonita, mas — que diabo! — UM HOMEM SEMPRE TEM O SEU AMOR-PRÓPRIO. . .



HUMOR NEGRO



O comendador Segismundo Sousa e Sá tinha subido duramente a escada da vida. Na realidade quando tinha nascido não era nada: nem comendador, nem sequer Segismundo Sousa e Sá.

Isto porque a respeito de comendas, ele tinha apenas sido encomendado, e a mãe, que era uma moçoila bastante agitada, quando recebeu o aviso da encomenda não conseguiu recordar-se quem é que a tinha convencido a fazê-la: se o seu primo Sousa, ou o seu vizinho Sá.

A coisa resolveu-se depois dela ter decidido a tempo e a horas vir para a cidade de Ovar até desovar, e depois duma mesa redonda bastante agitada, na qual usaram da palavra o Sousa, o Sá e como moderador o pai da cachopa, que tinha conseguido um importante argumento "tira-teimas" ficou aprovada a moção de contribuição bi-partida do Sousa e do Sá nas despesas do registo da encomenda e financiamento subsequente até tal se tornar necessário.

Não valerá a pena historiar toda a

vida do Segismundo, que nessa altura já era Sousa e Sá, e que soube governar muito bem a sua vidinha. Bastará dizer que antes dos quarenta era já comendador, e muito considerado na região.

O Segismundo tinha no entanto como prolongamento do culto da sua própria pessoa, uma estranha obsessão: queria que a sua pessoa não esquecesse da memória das gentes, quando morresse. E para isso envidou todos os seus esforços. De resto a sua luta pelo título de comendador, foi um primeiro passo: é mais fácil esquecer um Segismundo qualquer do que um comendador Segismundo.

E um dia teve a genial ideia de mandar construir na sua terra natal, um imponente mausoleu porque assim ao menos tinha a certeza que o seu nome ficaria ali gravado a letras de ouro para todo o sempre.

Deitou contas ao dinheiro que tinha e pediu orçamentos para a construção. E chegou à conclusão que se mandasse fazer o mausoleu, ficava sem um tostão, mas como era ainda novo e continuava cheio de energia para vol-

tar a ganhar mais dinheiro, não hesitou.

Os arquitetos e os cantoneiros fizeram uma bela obra. Faltava apenas gravar no frontespício o nome do Segismundo.

Estava-se no fim do verão, e nesse fim de semana o Segismundo foi à praia. Na segunda feira iria ele próprio ver gravar e dourar o seu nome no imponente mausoleu.

E tão entretido estava no seu sonho de perpetuar o seu nome, que almoçou com o requinte dum bom garfo.

Depois... bom. Depois estava o dia muito quente. E o Segismundo foi dar um mergulho.

E mergulho foi ele que lá em baixo teve uma congestão e desinteressou-se completamente de voltar cá acima.

O corpo nunca mais apareceu. E para que o mausoleu não ficasse sem ser utilizado, foi decidido de comum acordo pelo Sousa e pelo Sá, que ele se destinasse em gesto de admirável democracia, aos falecidos pobres da freguesia.

O MAUSOLEU

Uma das coisas que mais me tem preocupado nos últi-

As Nossas

MEMÓRIAS



mos tempos é o comércio. Nem que eu seja comerciante, vocês bem sabem. Mas um bom jornalista (e não há dúvida que eu sou bom) tem que estar a par com a problemática das conjunturas da vivência corrente (então? Sou bom ou não sou?) e dentro destas, insere-se a actual situação do comércio.

Por isso eu tenho andado a ver se entrevisto um comerciante. Claro tenho tido dificuldade, porque vocês estão a ver: se vou à procura dum dos "GRANDES", daqueles que têm muitas empresas as quais por sua vez têm muitas lojas, é certo e sabido que nunca consigo falar com eles. O mais alto que cheguei foi até ao chauffeur dum camião de distribuição de óleos alimentares (é assim que se chama, parece-me) e ele logo me disse que tirasse as peneiras porque falar com o patrão... nicles. Na casa estava ele há três anos e só o tinha visto uma vez de passagem, numa festa de Natal num campo de futebol.

Claro que desisti. Ficavam-me depois os patrãozinhos de meia tijela, com uma tasca ou uma campelista de esquina. Mas esses também não estavam para dar conversa, que é por causa de terem medo que a gente seja inspector de qualquer coisa que eles não lhes interessa que seja inspeccionada. E fecham-se mais apertados do que uma ostra com câmbiras.

Claro, já sei. Fala-se agora muito nas P.M.E. as pequenas e médias empresas. Mas essas também não dão à dica. As pequenas porque querem dar-se ares de médias, para ver se apanham maior subsídio. As médias a ver se passam por pequenas que é para terem menos contribuição. Uma choldra.

Mas ah! Eureka! O meu amigo Serafim. Esse é que era comerciante e dizia-me tudo. Vou à procura dele.

Uff! Vocês sabem lá! O que eu andei para encontrar o Serafim! Mas cá o achei.

— Então, Serafim! Até que enfim te encontro. Quero entrevistar-te...



— Deixa-te disso, pá. Não me meto em política.

— Não é isso, estúpido! Quero entrevistar-te a respeito da problemática da conjuntura actual da corrente vivência socio-económica...

— E tu a dar-lhe! Olhá lá tu tás c'os copos ou quê?

— Chíça, que tu sempre foste bruthino, graças a Deus! Como é que tu te governas como comerciante é que não consigo perceber!

— Ah, não percebes? Então eu explico-te. Como sabes eu tinha um lugar de hortaliça ali ao pé da antiga Praça da Figueira, lembra-te?

— Se me lembro! Bons tempos!

— É verdade. Mas depois a Praça da Figueira foi abaixo e eu trespasssei a tenda para a sucursal dum banco...

— Era natural. Naquele sítio... ganhaste bom dinheiro, claro!

— Ah, sim; aquilo deu mais que as couves lombardas e os molhos de nabiça.

— E depois?

— Depois estabeleci-me com uma loja de barbeiro ali

no Martim Moniz. Parecia-me um bom sítio...

— E era?

— Lá isso era. Mas o pior foi que veio a moda dos cabelos compridos e das barbas e eu comecei a ver a vida a andar para trás, sem fazer nenhum. Só lá me apancaram maricas a pedir para lhes fazer uns carcaóis...

— Pouca sorte...

— Pois foi. Por isso trespasssei a joizaita o outra sucursal de outro banco, e fui para a Almirante Reis com um estabelecimento de pronto a vestir...

— Boa! Isso deve ser bom negócio!

— Parece-te. Primeiro encontramos a oposição das costureiras, modistas e ofícios correlativos. Depois encontramos toda a espécie de oposição da clientela moderna que hoje prefere definitivamente o pronto a despir, e para isso a minha loja não tinha alvará...

— Que raio de sorte a tua!

— Não foi má de todo. Tornei a trespassar o tasco, desta vez para um cambista.

— E o que fizeste?

— Abri um restaurante. Uma coisa boa, tipo snack-bar. Boa decoração, bom ambiente, bons preços...

— Bons para ti?

— Claro! O que é que pensas? Eu sou um comerciante!

Se fosse a fazer pratos de bifes com batatas ou bacalhau com todos, tinha que ser do tipo farta-brutos. E assim basta arranjar umas sandes com cheirinho a manteiga e umas raspas de fiambre para se poder ganhar umas coroas...

— Mas tu sempre tinhas gostado do comércio popular...

— E continuo a gostar. Agora há pouco tempo até fiz o gosto ao dedo. Comprei quatro padiolas e contratei dois compinchas antigos para irem fazer esta recente temporada do comércio ambulante na Baixa!

— Que chaticê! Isso foi proibido...

— Pois foi. Mas pelo sim e pelo não eu guardei os tricolos. De vez em quando ainda vou à Ribeira de manhã comprar fruta e faço o gosto ao dedo ali pelas travessas da Baixa, à hora do almoço. E sabes uma coisa?

— O que é?

— Ganho muito mais com essas padiolas num dia do que com o snack-bar numa semana!



Rebola a bola OS CONTRASTES

Isto é uma grande secção: Quando a gente olha para os jornais, e vê neles os grandes cabeçalhos do dia, falta assunto...



VENDE-SE

Lugar no passeio em frente da minha porta, muito bom para arrumar o carro, porque o passeio é largo, e ainda fica muito para as pessoas passarem sem refilar. Não costuma haverazer nem com muitas nem com vendedores ambulantes. Resposta ao número 35.

Livro "Cem maneiras de cozinhar bacalhau" em virtude de não conseguir arranjar bacalhau. Brevemente será também vendido por motivos especiais a última edição do livro "Cem maneiras de cozinhar". Resposta ao número 100.

Triciclo para venda ambulante, muito prático visto ter um motor potente que permite rápidas mudanças do local de comércio se disso houver urgente necessidade. Resposta ao número 31.

COMPRA-SE

Jazigo de família que seja espaçoso e possa ser pago em prestações, ou em estilo de propriedade resolúvel. Mínimo três tabuleiros amarrorados e que tenha água perto. Este raio da crise da habitação! Resposta ao número 33.

Colecionador compra por bom preço emblemas que se encontrem fora de uso. Sigilo absoluto. Livre-se de chatices, recebendo alguns cobsres ainda por cima. Resposta ao número 70.

ALUGA-SE

Preto alugar loja de ferro velho para transformar com o recheio que tiver, em Estabelecimento de Antiguidades. Aceito sociedade. Resposta ao número 80.

Terreno espaçoso e praticamente inútil, para nele se construir uma central de camionagem. Boas perspectivas por enquanto. Negócio urgente. Resposta ao número 11.

mos logo com material que dava para ficar aqui a rebolar até mandar vir a mulher da favarica!

Olhem para aquela coisa do Sporting: vocês lembram-se dos rios de tinta que se escreveram a propósito do Peres, que o Sporting não queria sequer tornar a ver lá em casa, nem pintado, mas que também considerava assim uma espécie de pretença sua, e a quem não dava a carta de alforria que era costume antigamente dar aos escravos libertos?

Pois era. O pobre Peres andava por aí sem saber o que fazer à vida, e que era jogador de futebol (o dos bonsti) e que, sendo do Sporting não podia por lá os pés, e por ser do Sporting não podia jogar noutro clube...

Por fim as coisas amainaram, e o Peres foi para o Brasil. E agora veio cá dar um saltinho para matar saudades.

E aquele velho amor à

camisola... — que bota de elástico que você me saiu, ó Perest — voltou a pisar a relva de Alvalade, para conservar a forma.

E já há para aí quem não ponha de parte a hipótese de uma bela tarde o vermos entrar em campo, com a camisola das riscas verdes...

E se isso acontecer, meus amigos, não se iludam quanto à intenção da trovada de aplausos que ensurdecer o campo à entrada da equipa do Sporting. Porque todas elas, da primeira à última serão a homenagem do carinho, da saudade, e da alegria de todos para o sempre jovem velho Peres...

E também a rebolar vai o Totobola. Essa fábrica de fortunas que curiosamente anda a provar que somos um povo muito rico: pois se todas as semanas eles amalha uns bons milhares de contos, e ainda ninguém se queixou

que esse dinheiro lhe faz falta para equilibrar o orçamento doméstico...

Parece que afinal não andava muito longe da verdade aquele inglês que aqui há muitos, muitos anos atrás dizia que Portugal era um país onde metade da população andava ocupada a vender lotaria, e a outra metade passava o tempo a comprá-la. Se ele viesse cá agora, certamente que não diria só lotaria: juntaria lotaria e totobola, e se calhar andava já muito perto da verdade...

E que dizem vocês à esbelta pose atlética do Sr. Alves Barbosa no anúncio das bicicletas na televisão? Não tenham dúvidas para a próxima Volta a Portugal lá o teremos, nem que seja numa "pasteleira". E o Agostinho que vá tomando cuidado, porque com um competidor daqueles pela frente o melhor é desistir logo!



SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
— MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
“EPEDA” E “DELTALOC”